

AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS ACARRETADAS PELO REASSENTAMENTO DE FAMÍLIAS ATINGIDAS PELA BARRAGEM DE IRAPÉ NO VALE DO JEQUITINHONHA – MINAS GERAIS

Gilmar Fialho de Freitas

Mestrando em Extensão Rural – UFV
Bolsista FAPEMIG
gilmar.freitas@ufv.br

Marcelo Leles Romarco de Oliveira

Professor Adjunto I do Departamento de Economia Rural – UFV
mlromarco@yahoo.com.br

Dayane Rouse Neves Sousa

Mestranda em Extensão Rural – UFV
sousadayane@ymail.com

RESUMO

A construção dos grandes empreendimentos hidrelétricos impõe às famílias atingidas uma mudança forçada de seus territórios, bem como de seus meios de vida. Sendo assim, este estudo buscou entender como estão estruturadas as relações sociais desses segmentos afetados, de suas estratégias adaptativas em articulação com o território e com o lugar que atualmente ocupam, como também do universo de valores que dão sentido a estas relações, nos reassentamentos da Usina Hidrelétrica de Irapé, no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais. Para tanto, utilizou-se como procedimentos metodológicos, coleta de dados através de questionários direcionados a 61 reassentados, distribuídos em 10 associações de moradores localizados em cinco municípios diferentes: Turmalina, José Gonçalves de Minas, Leme do Prado, Capelinha e Água Boa. Através deste estudo foi possível perceber que, as ações desenvolvidas pelo consórcio responsável pelo empreendimento, em relação à preservação e manutenção da cultura de origem, dos costumes, das práticas culturais e religiosas dos reassentados, foram insuficientes, sobretudo quando se tem em vista a complexidade das relações sociais que circundam a vida das populações tradicionais do Brasil.

Palavras-chave: Reassentados. Vale do Jequitinhonha. Território. Lugar.

SÓCIO-CULTURAL TRANSFORMATIONS BROUGHT ABOUT BY RESETTLEMENT OF FAMILIES AFFECTED BY DAM IRAPÉ IN JEQUITINHONHA VALLEY – MINAS GERAIS

ABSTRACT

The construction of big hydroelectric projects imposes the affected families a displacement from their original area and a change in their lifestyle. Therefore, this study aims to comprehend how the social relations of those segments are structured as well as their strategies to adapt to the new territory, including the set of values which provides meaning to their relationship in the settlements of hydropower plant of Irapé in Jequitinhonha Valley, Minas Gerais state. In order to achieve such goals, the project uses the collection of data as a methodological procedure. The collection is made through guided inquiries addressed to 61 settlers, who were distributed through 10 associations of dwellers placed in five different towns: Turmalina, José Gonçalves de Lima, Leme de Prado, Capelinha and Água Boa. It was possible to detect through this survey that the actions concerning the maintenance and preservation of the local culture developed by the consortium responsible for the project were insufficient, especially when taking into consideration the complexity of relations involving the social life of traditional people from the interior of Brazil.

Keywords: Resettled. Vale do Jequitinhonha. Territory. Place.

Recebido em 23/01/2013

Aprovado para publicação em 18/11/2013

1- INTRODUÇÃO

A geração de energia elétrica imposta pelas intensas necessidades da sociedade, tendo em vista os atuais níveis de desenvolvimento da economia nacional, contribuiu para a intensificação de inúmeros impactos sociais e ambientais ocasionados pela construção das usinas hidrelétricas no Brasil. Apesar da energia gerada pelas hidrelétricas, ser a principal fonte de eletricidade do país, principalmente quando se constata a abundância de rios aproveitáveis que compõem seu território, inúmeras problemáticas podem ser observadas desde a elaboração dos projetos até à operação das hidrelétricas já construídas.

As diversas formas de geração de energia podem representar, ao mesmo tempo, sinônimo de desenvolvimento desde escalas locais à global, ou também retrocessos insustentáveis em questões ambientais e socioculturais. Em seus estudos, Bermann (2007) destaca que apesar da hidreletricidade ser considerada uma das formas mais eficientes e “limpas” de geração de energia, registra-se experiências onde sociedades viram suas bases econômicas, políticas, simbólicas e culturais, sendo dizimadas pelas construções de barragens.

Desta forma esse paradigma trás a tona um tipo de modelo que tende a ser insustentável, pois leva ao esgotamento dos recurso natural em questão, da diversidade biológica e vem provocando sérios impactos sociais, econômicos e culturais nas comunidades afetadas pelos empreendimentos hidrelétricos. Nesse sentido, Rebouças (2000), aponta que:

Os habitantes das áreas a serem alagadas, na maioria das vezes não são indenizados com valores suficientes para proporcionar a aquisição de terras na mesma proporção e qualidade semelhantes em outros locais, o que acaba por causar a descapitalização da população atingida e por incentivar o êxodo rural. Em outras palavras, sem capital suficiente para reconstruir o patrimônio literalmente inundado pelas hidrelétricas, os atingidos têm séria dificuldade de restabelecimento das atividades produtivas em outro ambiente natural, levando à total transformação do modo de vida tradicional desses grupos, que optam, na maioria das vezes, por migrar para a área urbana, onde os problemas desencadeados pelos empreendimentos hidrelétricos têm continuidade. (REBOUÇAS, 2000, p. 28).

Neste contexto, citamos a construção da Usina Hidrelétrica de Irapé no Vale do Jequitinhonha, estado de Minas Gerais, que impôs às famílias diretamente atingidas uma mudança forçada de seu território e, conseqüentemente, de seus meios de vida. Mesmo aquelas que optaram em permanecer próximas ao rio, no remanescente de suas propriedades atingidas, tiveram de se adequar ao novo ambiente que foi formado e às restrições de uso impostas pela formação do reservatório.

Diante desse panorama, é importante ressaltar que as comunidades atingidas possuíam formas diferenciadas de relações sociais, culturais, econômicas e territoriais que dificilmente poderão ser reaplicadas em outra realidade, que neste caso, se trata do reassentamento forçado, ou seja, a esse novo espaço produzido com o advindo do empreendimento, pois tende a homogeneização da diversidade sociocultural das comunidades que foram deslocadas pela implantação da hidrelétrica. Assim, a dispersão das famílias em diversas propriedades distantes umas das outras inviabilizou inúmeras festividades religiosas e culturais e, o significado destas festas está sendo perdido ao longo do tempo na memória das pessoas.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo entender e analisar como estão estruturadas as relações sociais das famílias atingidas pela Barragem de Irapé e as estratégias adaptativas em articulação com o território que atualmente ocupam, bem como o universo de valores que dá sentido a estas relações nos reassentamentos da Usina Hidrelétrica de Irapé.

2 – CAMINHOS PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO

Para bem atingir os objetivos desta pesquisa foi utilizado como método o estudo de caso. A utilização deste método justifica-se pela necessidade do estudo de uma realidade social que deve ser compreendida profundamente, destacando o detalhamento do ambiente em que se realiza o trabalho. Portanto, busca-se também, através deste método, extrair da vivência de tal realidade os elementos que contribuam para análise do problema apresentado, tendo em vista que as características sociais apresentadas em tal área são complexas e dinâmicas, sobretudo

no momento do processo de reassentamento de suas famílias. Durante o percurso metodológico foi também de fundamental valia a utilização da pesquisa bibliográfica e documental. Essa etapa foi importante para que pudéssemos estar embasados teoricamente com a temática estudada, pois, através da pesquisa documental proporcionou-se um maior conhecimento sobre o local estudado, além de evitar fazer perguntas desnecessárias aos participantes da pesquisa. Outro instrumento de coleta dos dados foi a pesquisa de campo, com apoio da técnica do questionário e da técnica de observação da paisagem.

No estudo em questão, os dados foram obtidos a partir da construção de escalas de felicidade das pessoas em relação aos temas que lhes foram apresentados, através do preenchimento de 61 questionários. O uso desses índices se deve ao fato de que a falta de felicidade pode constituir um problema social, na medida em que são inquietações que condicionam as expectativas e a ação dos indivíduos em sociedade, e que não se reduzem a meros desejos individuais, sem fundamentação no contexto social.

A seguir é apresentado um quadro detalhando do universo da pesquisa, destacando os municípios e suas respectivas associações que foram selecionadas, assim como a apresentação do número de famílias que foram reassentadas nas associações e as famílias que foram selecionadas para este estudo:

Quadro 1 – O universo de pesquisa

Municípios	Associações Selecionadas	Nº de Famílias Reassentadas	Nº de Famílias selecionadas
José Gonçalves de Minas	Coração de Maria e União de Todos	29 Famílias	18 Famílias
Leme do Prado	Quilombo Boa Sorte, Coração de Jesus e Mandassaia	40 Famílias	17 Famílias
Turmalina	Povoado Peixe Cru	22 Famílias	11 Famílias
Capelinha	Fatura, São Caetano e Santa Bárbara	19 Famílias	7 Famílias
Água Boa	Novo Horizonte e Ribeirão Vermelho	14 Famílias	8 Famílias
Total	11 Associações	124 Famílias	61 Famílias

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

A escolha de trabalhar com tal índice se deve ao fato de que, no campo das ciências sociais, ressalta-se a World Values Surveys (WVS), que se trata de uma investigação em escala mundial sobre convicções e valores das pessoas em mais de 65 sociedades de todos os continentes. Esses estudos foram conduzidos através da aplicação de questionários por amostras representativas das populações em questão. Para se considerar um indicador como sendo válido, segundo esses índices de felicidade, ele deve demonstravelmente ter influência positiva ou negativa na felicidade. Os indicadores apresentados devem cobrir tanto as esferas objetivas quanto as subjetivas, conferindo pesos idênticos tanto para os aspectos funcionais da sociedade humana como para o lado emocional da existência da mesma. Tanto no primeiro como no segundo caso, os estudos apontam que o Índice de Felicidade de uma população pode contribuir para que o Estado desenhe políticas públicas e avalie suas gestões. Os estudos que utilizam os Índices de Felicidade como ferramenta de análise conseguem, com bastante êxito, tornar questões subjetivas da vida de uma determinada pessoa ou grupo em manifestações positivas ou negativas no seu modo de vida.

O interesse por estudar o impacto de importantes variáveis socioculturais na determinação do bem-estar de reassentados em áreas rurais dos municípios de José Gonçalves de Minas, Leme do Prado, Capelinha, Água Boa e Turmalina, impôs definir e desdobrar tais variáveis de modo a revelar graus de felicidade dos participantes da pesquisa. Estes municípios foram selecionados devido a sua proximidade e também devido à maior facilidade de acesso às suas áreas rurais aonde se situavam os lotes dos reassentados e suas respectivas associações de moradores.

Inspirados na pesquisa World Values Surveys, definimos dois temas (As ações de preservação da cultura de origem dos reassentados e o outro relativo à preservação das suas manifestações religiosas) que foram apresentados aos 61 participantes da pesquisa, na forma de enunciados, para que atribuíssem, numa escala de 1 a 4 (sendo que 1=Infeliz; 2=Não muito feliz; 3= Feliz e 4=Muito Feliz), o valor que mais adequadamente correspondesse a seu modo de avaliar as ações de preservação da culturas e das manifestações religiosas no interior dos reassentamentos.

Os valores atribuídos pelos participantes a cada questão proposta foram tabulados por município, separadamente, e serviram de base para um estudo comparativo. Os dados foram sintetizados em tabelas que estão apresentadas no decorrer desse trabalho.

Por fim, foi apresentada aos participantes da pesquisa uma questão referente à falta de se conviver com amigos e parentes que ficaram na região de origem. Estes, em sua maioria, são pessoas que continuam morando às margens do reservatório da Usina Hidrelétrica de Irapé, e que pelo fato de suas propriedades não terem sido atingidas, não precisaram ser reassentadas.

3 - ÁREA DE ESTUDO

O Vale do Jequitinhonha ainda é uma região de grandes incompletudes sociais, sendo imprescindível uma análise sociológica da diversidade que o caracteriza. A realidade e a diversidade sociocultural do vale é uma marca fundamental na sua identidade. A ligação singular entre as características naturais da região com a população que ao longo de três séculos a ocupa, exemplifica o estreitamento de suas disparidades. Nesse sentido, o vale compreende em um mesmo lugar multiplicidades étnicas, religiosas, paisagens histórico-culturais e perfis geográficos.

Todo o processo de ocupação, inspirados pela ânsia da riqueza e do exercício da territorialidade, forjou, de certa maneira, a singularidade do território em torno da identidade e da multiplicidade de suas paisagens, intercalando história e cultura com as novas e potentes forças da contemporaneidade.

Além disso, o acúmulo de vários séculos da ação humana sobre suas paisagens, principalmente, para exploração de riquezas naturais, imprimiu ao Vale do Jequitinhonha um amplo e rico acervo cultural, em boa parte ainda preservado, e uma grande modificação nas características geográficas de sua região. A preservação de hábitos culturais e de construções históricas erguidas por séculos de ocupação, também hoje, são ameaçadas por forças tecnológicas que estão contribuindo para a supressão da paisagem, destacando-se o atual aproveitamento do potencial energético do Rio Jequitinhonha para a geração de energia elétrica.

Um dos maiores acontecimentos de sua história foi a construção da Usina Hidrelétrica Presidente Juscelino Kubitschek, mais conhecida como Usina de Irapé, que pertence à Companhia Energética do Estado de Minas Gerais (CEMIG). A obra foi concluída em oito de junho de 2006, tendo suas origens com os primeiros estudos energéticos realizados no estado de Minas Gerais, elaborados em 1963. Cerca de quarenta anos depois, avaliou-se que, tecnicamente, o Projeto de Irapé era complexo e desafiador, por combinar características físicas e geológicas adversas. Por outro lado, representava investimento em infraestrutura para o crescimento da região, significando milhares de empregos, oportunidade de qualificação de mão de obra, aumento da receita dos municípios atingidos com os 'royalties', ativação do comércio e ofertas de serviços.

Porém, a construção de tal obra, acarretou o remanejamento de cerca de mil famílias ribeirinhas. Além disso, o alagamento resultante atingiu núcleos urbanos e áreas rurais numa extensão de 115 quilômetros do Rio Jequitinhonha e de 50 quilômetros de um dos seus afluentes, o Rio Itacambiruçu. Em torno de 3.564 pessoas, residentes em 47 comunidades ribeirinhas, em áreas dos municípios mineiros de Berilo, José Gonçalves de Minas, Leme do Prado, Turmalina, Grão Mogol, Cristália e Botumirim, foram afetadas e deslocadas ou até mesmo expulsas de suas terras. Os municípios mencionados estão representados na figura 1.

Além disso, o reservatório de Irapé ocupou territórios formados por comunidades tradicionais, dedicadas majoritariamente às atividades agropecuárias. Esses atingidos eram lavradores, roceiros, vaqueiros e cortadores de cana. Além desse grupo, aparecem os pequenos comerciantes; os pequenos garimpeiros de diamante, ouro e cristal; os trabalhadores

domésticos; e os que trabalham em estabelecimentos industriais ligados aos recursos naturais da região, tais como fábricas de farinha, de cachaça, de rapadura, de doces e de telhas.

Figura 1 – Municípios atingidos pelo reservatório de Irapé.



Fonte: Companhia Energética do Estado de Minas Gerais (CEMIG)

O Projeto Irapé previa que os grupos atingidos recebessem terras de qualidade, assessoria e assistência técnica nos reassentamentos, mas isso não aconteceu plenamente. Devido a isso, posteriormente, a CEMIG elaborou um plano de ações voltadas à preservação das comunidades de origem, das relações de vizinhança e da base produtiva existente. Atualmente, esse plano ainda está em vigor e vem tentando organizar, ou mesmo auxiliar, a vida dos atingidos em suas novas localidades.

4 – TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS: CONTRIBUIÇÕES DOS CONCEITOS DE TERRITÓRIO E LUGAR

A identidade cultural de um povo, com todas as suas peculiaridades, é construída através da interpretação de um mundo que é marcado por signos e símbolos, que estão situados em um determinado lugar e que são frutos da acumulação de uma experiência histórica. As festas, as músicas, as celebrações religiosas, as comidas, as danças e outras manifestações culturais, são os elementos que dão sentido a existência dessa sociedade como grupo. Por isso, quando tratamos das construções das grandes barragens, a inundação e o descolamento forçado de uma determinada população, podem significar perdas irreparáveis do ponto de vista sociocultural, além de carregar consigo processos sociais marcados por processos de desterritorialização e pela reterritorialização dos atingidos.

Quando os atingidos são reassentados implica-se numa nova forma de apropriação do território, que refletirá na construção dos novos lugares, que apesar de tantos rompimentos estará centrada na experiência do passado para a reconstrução destes espaços, e por consequente, da vida de seus moradores. Sendo assim, Silva (2007, p. 22) enfatiza que “A mobilidade permite que se criem novos lugares. Isso significa que o lugar antigo ou o lugar que tenha passado por um processo de transformação ainda terá, por certo tempo, um significado para aqueles que o viveram [...]”

Nesta perspectiva, o processo de reconstrução dos lugares não passa apenas pelos elementos físicos do espaço, mas sim, sobretudo, por um processo de reconstrução da vida em sociedade. Apesar das experiências construídas nas antigas localidades, novas relações e expressões culturais são impostas e incorporadas pelas pessoas. Portanto, sabendo que são as relações do dia a dia que produzem o lugar, podemos inferir que a implantação de uma hidrelétrica deve passar por um grande planejamento, a fim de que se respeitem as peculiaridades e dimensões do lugar vivido pelos atingidos.

Outro conceito-chave da Geografia para o entendimento do dilema apresentado se trata do Território. Este deve ser entendido como a base física para a materialização das relações sociais, em que diferentes sujeitos/atores sociais, em diferentes momentos históricos, se interagem. No caso das construções dos empreendimentos hidrelétricos, identifica-se no território um campo de conflitos, pois, de um lado posicionam-se as populações atingidas, apegadas ao território em que vivem, e de outro lado, a demanda por energia que sustenta o elevado consumo e o atual nível de crescimento do país. Contudo, observa-se que, os maiores prejudicados são as populações atingidas, que são obrigados a desestruturar, ou mesmo desconstruir, o seu território histórico-cultural.

Portanto, como bem afirma Haesbaert (2004), a perda do território por sua populações, como acontece nos casos dos atingidos por barragens, implica num processo de desterritorialização, aonde o enfraquecimento do controle sobre o território resulta na mobilidade, que no caso em questão é compulsória e involuntária. A partir deste momento estes iniciam um novo processo identificado pelo autor como “reterritorialização”, ou seja, estabelecimento de novas relações que irão propiciar as condições de reprodução e permanência nos novos lugares.

Seguindo essa linha de raciocínio, Santos (2006, p. 13) afirma que: “o território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. Assim, a construção histórica de um território apresenta traços de uma cultura que ali foi consolidada e vivenciada por várias gerações passadas. Muitas das vezes, estas características peculiares podem possuir significados apenas para as pessoas que, de certa maneira, se incorporaram ao processo de construção subjetiva ocorrida naquele espaço.

Nesse contexto, estas pessoas podem ser caracterizadas como camponeses, que conforme Sabourin (2009), não devem ser enxergados apenas como uma categoria política, mas também como uma categoria social que possui uma expressão específica na sociedade brasileira. Algumas características, como: relação íntima com os recursos naturais, valorização da ajuda mútua, distanciamento das lógicas do mercado capitalista e sua grande capacidade de autonomia, exprimem a essa classe social um contexto de particularidade. Também se constata a permanência de suas práticas de reciprocidade, aonde o sentimento de pertencimento a um grupo, a identidade coletiva e o compartilhamento de práticas e saberes se dão constantemente.

Nesta perspectiva, Petersen (2009) afirma que o atual processo de desaparecimento do campesinato seria uma consequência do avanço de uma lógica capitalista de organização da sociedade, nos afirmando uma necessidade fundamental de se pensar uma sociedade que privilegiasse a vontade coletiva. As manifestações e expressões culturais e religiosas de um povo são marcadas por uma indissociabilidade com a ideia do coletivo, que envolve uma forte relação com os vínculos sociais construídos ao longo dos anos entre suas famílias e aos elementos da natureza que são parte da essência de suas vidas, logo, envolve também um forte vínculo com o território camponês. Por outro lado, a inserção da dinâmica capitalista nesses lugares são sinais visíveis de transformações, seja desde a forma de produzir o sustento da família, até mesmo às formas mais subjetivas de expressão de sua existência.

Godbout (1999) também, contribui com essa ideia, quando em seu estudo busca compreender a questão da generosidade, dos vínculos sociais na esfera doméstica, da reciprocidade e da confiança entre as pessoas que formam um determinado grupo. Conforme o mesmo autor, a dívida constitui um sistema de relações sociais que não se reduzem a nenhuma relação que envolva interesse econômico ou por poder, sobretudo, quando se analisa esta relação na então chamada esfera doméstica, ou seja, o lugar natural dos vínculos interpessoais.

Neste sentido, Candido (2003) reforça, através de suas teorias, que a busca do equilíbrio social se dá em grande parte na correlação existente entre as necessidades do homem e sua satisfação. Nesse aspecto, as formas de sobrevivência do chamado “homem simples” não devem ser compreendidas de modo separado às reações que são delineadas por sua cultura. Assim, “A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo soluções mais ou menos adequadas e completas” (CANDIDO, 2003, p.29). Para tanto, é fundamental a este estudo a perspectiva apresentada pelo autor de que homem e meio aparecem em uma solidariedade indissociável. O meio aparece como oportunidade real de sustento da família, e por

consequente, a reprodução da vida do homem no campo.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciar a discussão sobre a felicidade, é necessário esclarecer que há uma importância da cultura material e imaterial na composição da felicidade das famílias reassentadas, tendo em vista que houve um processo de migração forçada destas em que nem tudo, ou quase nada, foi levado com as famílias. Neste estudo, a felicidade é entendida enquanto sentimento, sujeito a evoluções, transformações e flutuações e que está relacionado e condicionado pelas várias dimensões da vida dos sujeitos sociais, inclusive no que diz respeito ao contexto sociocultural que estes ocupam. A análise destas várias dimensões nas trajetórias sociais dos sujeitos sociais permitiu captar os valores subjetivos de cada um, assim como, as expectativas individuais e os sentimentos que constituem os seus projetos de vida, na sua relação com a felicidade.

Como pode ser observado através da Tabela 1, com exceção dos entrevistados nos reassentamentos localizados em Turmalina – MG, em todos os outros municípios uma significativa maioria se sente infeliz ou pouco feliz nos atuais reassentamentos em relação à preservação da cultura do local de origem. Em Turmalina que é a maior cidade entre as demais que receberam os atingidos pela Hidrelétrica Presidente JK 63,64% dos agricultores reassentados responderam que se sentem felizes em relação à preservação da cultura de origem. Talvez por ser uma cidade de maior porte, Turmalina possa oferecer mais atividades culturais e suprir, ao menos parcialmente, a cultura anterior.

Tabela 1 – Avaliação da preservação da cultura de origem dos atingidos pela Barragem de Irapé nos reassentamentos estudados

Escala/Município	José Gonçalves de Minas	Leme do Prado	Capelinha	Água Boa	Turmalina
Infeliz	61,13%	41,18%	57,15%	75,00%	27,27%
Não Muito Feliz	27,77%	17,64%	28,57%	25,00%	9,09%
Feliz	5,55%	35,30%	14,28%	0,00%	63,64%
Muito feliz	5,55%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
Não se aplica	0,00%	5,88%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Dados da pesquisa 2010.

Neste sentido, foi identificado que a maioria das pessoas durante as indagações revelaram uma profunda saudade das festas religiosas e culturais no local de origem. Inclusive, nos chamou a atenção o intenso apego afetivo ao Rio Jequitinhonha pelo que significava a beleza natural, as pescarias que eram tidas como esporte, o lazer às suas margens com piqueniques, banhos e sustento alimentar, bem como o meio de transporte que oferecia. Estas facilidades são impossíveis de serem transportadas para os reassentamentos. Disto decorre que, à nível local, entre os efeitos e constrangimentos resultantes da implantação de grandes barragens, destaque-se, como o mais penoso e traumático, o deslocamento compulsório das populações ocupantes dos espaços requeridos pelo empreendimento. Portanto, observa-se uma situação precária de um “desenraizamento”, também entendido como desterritorialização, dessas populações em relação às suas tradicionais estratégias de sobrevivência.

A mudança de localização dos reassentados para uma nova área, diferente daquela em que viviam, causaria um impacto grande no seu comportamento, principalmente, por se tratarem de uma população ribeirinha altamente dependente das riquezas materiais e simbólica que o Rio Jequitinhonha lhes ofereciam. A mudança de espaço físico gera uma nova postura na ação do homem, o que exige uma nova forma de intervenção, a fim que suas necessidades sejam supridas. Uma das práticas essenciais aos seres humanos, seja em qualquer lugar que o homem ocupe, são aquelas ligadas às suas crenças. Nesse ponto, como resultado, foi possível construir a Tabela 2 que demonstra o grau de felicidade dos entrevistados em relação às iniciativas dos órgãos responsáveis em preservar as práticas religiosas que existiam em seus locais de origem e que faziam parte de seus cotidianos, principalmente em relação às tradicionais festas dos santos da Igreja Católica, respeitando as especificidades de cada comunidade reassentada:

Tabela 2 – Avaliação da preservação de práticas religiosas do local de origem nos reassentamentos da Barragem de Irapé

Escala/Município	José Gonçalves de Minas	Leme do Prado	Capelinha	Água Boa	Turmalina
Infeliz	44,46%	47,06%	42,86%	75,00%	27,27%
Não Muito Feliz	22,22%	11,76%	28,57%	25,00%	9,09%
Feliz	22,22%	35,30%	28,57%	0,00%	63,64%
Muito feliz	5,55%	5,88%	0,00%	0,00%	0,00%
Não se aplica	5,55%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Dados da pesquisa 2010.

Várias razões que valem para diversas variáveis que estão sendo analisadas se devem ao fato da dispersão das famílias nas novas propriedades. A preservação das práticas religiosas pode também sofrer as consequências. Em primeiro lugar, no local de origem, em alguns casos, as áreas das propriedades eram menores do que as atuais, ou mesmo as casas eram mais concentradas em certas áreas perto do rio, devido às encostas muito íngremes. Assim também como muitas outras famílias que não eram proprietárias, mas que possuíam alguma relação de parceria ou outros tipos de ligação com as terras que ocupavam, também receberam lotes para sua própria atividade e moradia.

Com isso, nas antigas localidades, os vizinhos certamente eram mais próximos e poderiam se reunir e manter traços religiosos com mais facilidade. As relações de compadrio também seriam mais fáceis e frequentes, enquanto a dispersão para diversos reassentamentos em diferentes e distantes municípios inviabilizaram a maioria das práticas religiosas e culturais. Novamente, a maioria, com exceção de Turmalina, responderam que estão infelizes ou não muito felizes. Uma das manifestações mais importante que foi relatada pelos reassentados se trata da Festa do Bom Jesus que é realizada no Povoado de Peixe Cru, todo mês de agosto de cada ano. Assim, também, registram-se grupos de congado e folia de reis, que se apresentavam em diversas comunidades atingidas. Nos reassentamentos formados no município de Turmalina encontram-se as populações que mantinham as festividades religiosas mais reconhecidas em seus locais de origem, por isso receberam maior atenção em serem preservadas, talvez seja um dos motivos de se sentirem felizes nesse novo território.

Muito daquilo que está sendo perdido na memória dos atingidos está no fato da separação entre muitos parentes e amigos que continuaram na região de origem, afirmando, portanto, que a existência de muitas manifestações culturais e religiosas só fazem sentido quando se leva em conta o universo das pessoas que formam os grupos, ou seja, a reprodução de suas práticas é marcada pela permanência entre o vínculo que existe entre essas pessoas. Nessa perspectiva, buscou-se através da Tabela 3, mostrar o quanto se tornou evidente o rompimento dos laços sociais entre as antigas amizades e parentesco no processo de reassentamento das famílias atingidas pela UHE Irapé.

Tabela 3 – Sentimento de falta de convivência com os parentes e amigos deixados na região de origem

Sentimento de falta de convivência	%
Sente falta	73,76%
Sente pouca falta	8,20%
Não sente falta	16,40%
Não se aplica	1,64%

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Através dos registros anteriores de que muitas famílias reassentadas deixaram em seus locais de origem alguns amigos ou parentes, busca-se nesta questão abordar as opiniões dos reassentados sobre o sentimento de falta de convivência com eles. Observa-se que 73,76% dos entrevistados afirmaram que sentem falta de conviver com esses amigos ou parentes, ao passo que apenas 16,40% dos entrevistados afirmaram não sentirem falta, ou mesmo, afirmaram que não deixaram nenhum parente ou amigo na antiga região.

Muitos relatos emocionantes de ruptura dessas relações afetivas foram registrados durante o contato com os reassentados. Isso se deve a um índice bem elevado de famílias que afirmaram que não se adaptaram totalmente à atual localidade, ou mesmo, que não conseguiram estabelecer as mesmas relações que existiam na antiga região.

Assim, nas comunidades rurais estudadas, os argumentos fornecidos anteriormente por Godbout (2003) reforçam o quanto ainda é grande a presença da dádiva, ou seja, a necessidade de retribuição entre as famílias daquilo que uma oferece ou presta a outra, como é o caso dos atingidos que foram estudados. Mas, o processo recente de reassentamento das famílias atingidas pela UHE Irapé deixa evidente o quanto as relações sociais se transformaram devido à relocação. Em seus locais de origem, carregando toda uma relação particular de relação com um meio específico ao decorrer do tempo, a então chamada dádiva era mais evidente, já que as famílias sempre carregaram uma forte interdependência entre elas. Destaca-se esta questão porque, conforme a demonstração anterior, muitos laços de amizade e parentesco foram rompidos com o reassentamento das famílias atingidas, principalmente, pelo fato de se ter constituído em municípios diferentes.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A característica tradicional dessa população atingida permite situar o seu território como uma sucessão de paisagens, que retratam os distintos momentos de sua história. Ao contrário dos territórios ocupados por sociedades modernas, em que os elementos de paisagens passadas são rapidamente suprimidos, atualizados ou ressignificados, o território das comunidades ribeirinhas do Vale do Jequitinhonha mantém vivos e atuantes muitos dos elementos que contribuíram para a formação histórica da região. Porém, a implantação de um grande empreendimento, como foi o caso da Usina de Irapé, significou um verdadeiro retrocesso quando se tem em mente a perda de laços sociais concretos e subjetivos que foram sendo construídos ao longo dos anos por estas populações.

De fato, existem bens materiais e imateriais que representam valores simbólicos que dinheiro nenhum paga. As festas religiosas e culturais que aconteciam na comunidade de origem, no tempo em que as pequenas propriedades permitiam a proximidade das casas, já não existem mais. Os laços de parentesco, compadrio e amizade foram fragmentados, distanciados e enfraquecidos, pelo processo de reassentamentos em localidades distintas. O exemplo mais forte e lamentado pela maioria dos participantes foi a perda da estreita e cotidiana relação com o Rio Jequitinhonha. O rio fazia parte do quintal da casa, fornecia alimento, era a via de transporte, principal fonte de lazer e de renda sazonal para os garimpeiros da região. Esse bem natural, o rio, não poderia reconstruir em outro lugar por nenhum arquiteto. A memória e as boas lembranças do rio permanecem vivas nas mentes de todos os desalojados.

A construção da Barragem de Irapé representa a edificação de uma catedral tecnológica, sob a qual submergiram um grande acervo de elementos materiais e imateriais que produziram, na região, um determinado modo de vida e de expressão simbólica das populações que sucessivamente a habitaram. Aqui, é importante destacar que parte destas expressões materiais e simbólicas se encontram num processo de ressignificação dentro dos novos reassentamentos formados.

Estima-se que os resultados deste estudo possam lançar novas luzes nos debates, principalmente, em posições que questionem as ações necessárias de preservação da memória dessas populações, que em muitas circunstâncias, situa a essência de suas vidas.

7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMANN, Célio. Impasses e controvérsias da hidroeletricidade. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, Vol. 21, n. 59, p. 139 - 153 Jan./Abr. 2007.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo. Livraria Duas Cidades, 2003.

CEMIG. **Companhia Energética do Estado de Minas Gerais**. <http://www.cemig.com.br/pt-br/A_Cemig_e_o_Futuro/sustentabilidade/nossos_programas/ambientais/Irape/Paginas/grao_mo_gol.aspx>. Acesso em 19 de Agosto de 2013.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV. 1999.

PETERSEN, Paulo et al. A construção da Ciência a serviço do campesinato In: **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

REBOUÇAS, Lidia Marcelino. **O planejado e o vivido: o reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2009.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton. [et. al.]. **Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. P. 13 – 21.

SILVA, Vicente de Paulo da. **Grandes Projetos e Transformação no Sentido do Lugar**. Caminhos de Geografia, Uberlândia, 2007, n. 21, p. 18 – 28.